



EDUCAÇÃO OLÍMPICA PARA QUÊ? EDUCAÇÃO OLÍMPICA PARA QUEM? REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS PARA UMA PEDAGOGIA CRÍTICA DO OLIMPISMO EM TÓPICOS ESPECIAIS – O DOPING ENTRE ESCOLARES

RESUMO

Há mais de uma década, temos demonstrado a importância de se discutir temas relacionados ao esporte, em especial ao Esporte Olímpico, de forma crítico-reflexiva nas escolas e em programas esportivos. Frente à participação do Brasil como sede de Megaeventos esportivos, essa necessidade torna-se prioridade. Entretanto, ainda observamos certa resistência por parte da comunidade de docentes da Educação Física em inserir tais temáticas em suas discussões. Este artigo busca problematizar a forma como a Educação Olímpica é apresentada nos materiais didáticos disponíveis, debatendo a persistência de propostas desfocadas de discussões que promovam o pensamento crítico-emancipatório das juventudes com análise específica da questão do doping entre escolares. Observa-se que o doping, neste momento, é uma realidade alarmante até mesmo entre escolares brasileiros e faz-se necessária uma discussão sobre a relativização social da perspectiva do desvio em atletas usuários de doping como reflexo e reforço de uma cultura que identifica no corpo atlético os padrões hegemônicos de estética, de saúde, de disciplina, logo, de maior capital corporal, dominância e status no campo social, como fruto de uma visão biológica-funcional de saúde. Frente às evidências, é possível defender a importância de maiores investimentos em estudos e intervenções que venham a discutir os aspectos da *Educação do Olimpismo* de forma mais ampla, englobando temáticas diversificadas – como o doping, a fim de promover uma educação emancipadora e concatenada com a perspectiva holística apoiada pelo Barão de Coubertin.

Palavras-chave: Educação Olímpica; Educação Física; Pedagogia Crítica; Doping.

OLYMPIC EDUCATION FOR WHAT? OLYMPIC EDUCATION FOR WHOM? REPRESENTATIONS AND PRACTICES FOR CRITICAL PEDAGOGY IN SPECIAL TOPICS OF OLYMPISM - THE DOPING BETWEEN SCHOOL

ABSTRACT

The importance of critical reflection upon issues related to sport, and particularly Olympic sport, when discussing within schools and sports programmes has been clearly demonstrated in the last decade or so. Moving forward the participation of Brazil as host of numerous sporting mega-events makes the need for such critical reflection a priority. However, there appears to be some resistance amongst teachers of physical education within Brazil to include such issues and approaches in their curriculums. Even though Olympic Education is often underpinned by a critical perspective it still appears to represent a challenge to these physical education teachers due to its close associations with high performance Olympic sports due to a belief that it is contradictory to associate Olympism with concepts and philosophies designed to endorse and reinforce modern day socio-cultural power structures. This paper seeks to how the Olympic Education is still designed in the Didactic materials available, blurred discussions that promote critical - emancipatory thinking of youths from the problem of doping among school children. It has been observed that doping is already an alarming reality amongst Brazilian schoolchildren. This paper provides a discussion of social relativism and some case studies of doping users. To promote a discussion regarding the hegemonic body this paper uses examples of aesthetics, health, and discipline with reference to doping cases reported in the literature. Economic and social conditions are encouraging people to dope even though this runs counter to the functional vision of health. The results show the importance of increased investment and further studies, interventions and promotion of debates in the field. Using Olympic Education as a primary tool to highlight the importance of issues such as doping, we can amplify and diversify an educational tool first proposed by Pierre de Coubertin as a holistic perspective.

Keywords: Olympic Education; Critical Pedagogy; Doping; Schoolchildren.

**OLÍMPICO DE EDUCACIÓN PARA QUÉ? OLÍMPICO DE EDUCACIÓN PARA QUIÉN?
REPRESENTACIONES Y PRÁCTICAS PARA LA PEDAGOGÍA CRÍTICA EN TEMAS ESPECIALES
DEL OLIMPISMO - EL DOPAJE ENTRE LA ESCUELA**

RESUMEN

Durante más de una década, hemos demostrado la importancia de discutir temas relacionados con el deporte, especialmente el deporte olímpico, forma crítico-reflexivo en las escuelas y los programas de deportes. Avanzar a la participación de Brasil para ser sede de mega-eventos deportivos, esta necesidad se convierte en prioridad. Sin embargo, todavía vemos un poco de resistencia por parte de la comunidad de profesores de educación física en la inserción de estos temas en sus discusiones. Este artículo trata de cómo la educación olímpica se presenta en los materiales didácticos disponibles, discutiendo la persistencia de las propuestas borrosa en las discusiones que promueven el pensamiento crítico y emancipador de los jóvenes con el análisis específico del tema del dopaje entre los escolares. Se observa que el dopaje en este momento es una realidad alarmante incluso entre los escolares brasileños, y es necesario un análisis de la relatividad social del cambio de perspectiva en los atletas de dopaje usuarios que reflejan y refuerzan una cultura que identifica el cuerpo normas hegemónicas de atletismo de la estética, la salud, la disciplina, por lo tanto, un mayor capital corporal, el dominio y estatus en la sociedad, como el resultado de una visión de la salud biológica funcional. Ante la evidencia, es posible defender la importancia de una mayor inversión en la investigación y las intervenciones que discutirán los aspectos de la educación Olimpismo más amplia, que abarca diversos temas - como el dopaje, con el fin de promover una educación emancipadora y concatena con perspectiva integral apoyado por el Barón de Coubertin.

Palabras clave: Educación Olímpica; Educación Física; Pedagogía Crítica; El Dopaje.

Marta Correa Gomes¹
Leonardo José Mataruna dos Santos²
Paulo Rodrigo Pedroso da Silva³

¹ Mestre em Educação Física pela Universidade Gama Filho – UGF. Professora da Universidade Gama Filho – UGF. Brasil. E-mail: martacorreagomes@yahoo.com.br

² Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho – UGF. Pesquisador da Coventry University/Marie Curie Fellow. F. Brasil. E-mail: mataruna@gmail.com

³ Doutorando em Ciências do Exercício e do Esporte pela Universidade Gama Filho – UGF. Brasil. E-mail: rodrigomettrica@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Em recente artigo publicado por Gudrun Doll-Tepper, a autora sugere que os elementos competitivos usualmente associados ao Olimpismo podem ser um fator desencorajador para a própria inclusão da Educação Olímpica em currículos escolares (Doll-Tepper, 2011). No Brasil, por força da própria dinâmica de ressignificação da educação física escolar ao longo das décadas do último século, observamos o esporte sendo priorizado nos currículos escolares em detrimento de outros temas da cultura corporal de movimento ou, por outro lado, sendo totalmente rechaçado e excluído enquanto conteúdo teórico-prático legitimamente pedagógico. Neste último caso, argumenta-se que seus princípios intimamente associados ao *ethos* do mundo capitalista seriam uma forma de aprendizagem simbólica e de respeito ao que circunscreve-se nessas regras sociais e relações econômicas (Bracht, 1992). Somado a isso, tem-se no imaginário da formação do pensamento da educação física escolar o esporte como campo político-ideológico de propaganda do governo militar, uma vez que os interesses da Educação Física tornam-se comuns aos interesses da então política governamental ao ganhar contornos do treinamento esportivo e da disciplinarização dos corpos (Soares & Góis, 2011).

Embora estudos demonstrem que as diretrizes da Educação Física foram fortemente marcadas pelos interesses educacionais do governo militar (Castellani Filho, 1988), pesquisas mais recentes indicam que o modelo de treinamento esportivo não foi cegamente incorporado por professores de Educação Física que estavam em atuação na época, relativizando o papel efetivo que a Educação Física *esportivizante* teve na consolidação do regime (Oliveira, 2004).

Bracht (2011) observa que a Educação Física Escolar brasileira vive um hiato na atualidade caracterizado na situação do “*não mais e ainda não*” (Fensterseifer & Gonzalez, 2010 *apud* Bracht, 2011). Isto é, vê-se o declínio da Educação Física tradicional focada predominantemente no esporte e em suas competições, mas não há uma construção concomitante de uma Educação Física em uma perspectiva crítica consolidada. Diversificaram-se os conteúdos, mas não as abordagens político-pedagógicas. O autor ainda demonstra que, na tentativa de tornar a Educação Física mais legitimada, deu-se um peso excessivo às temáticas teóricas e reflexivas, assemelhando-a às disciplinas escolares tradicionais e vistas como mais utilitárias pelos alunos, embora não sendo aquelas que estão dentre as que eles mais gostam (Bracht, 2011).

Se ocorreu uma espécie de “rejeição” aos preceitos relacionados ao Olimpismo enquanto

“filosofia do esporte moderno” em crítica à esportivização da Educação Física Escolar, por outro lado pode ter também se manifestado uma reação por parte da comunidade de docentes da Educação Física ao peso excessivo dado ao esporte na escola enquanto prática de alienação e consumo cego do esporte, como se toda proposta crítica tivesse que ter determinados marcadores que delimitassem uma certa “identidade”. Por exemplo, apoiar o esporte dentro da escola por si só já seria uma razão para o professor ser intitulado como ingênuo, não crítico ou tendencioso aos valores socioculturais hegemônicos. Como um reflexo a esse cenário, observamos uma representação que fica bastante explícita quando os professores, ao serem questionados sobre o conteúdo “esporte” e como eles trabalham os princípios de *competição e cooperação*, apresentam um certo receio em tratar o tema, que é claramente razão de evitação, definindo-se como um *tabu*, nos termos antropológicos. O esporte e a competição viraram *tabu* no campo da Educação Física Escolar e, mesmo que o professor ensine, ele finge não ensinar e não acentuar o valor “competição” (Azevedo & Gomes, 2010).

Em diálogo com tais premissas, temos discutido que excluir o esporte da escola, seja da esfera prática ou conceitual, como resposta crítica aos seus princípios não resolve a problemática que envolve o fenômeno em suas diferentes formas de atuação e manifestação social, de seu consumo passivo ou ativo, nem mesmo o desejo dos escolares pela prática esportiva e, ainda, pela prática esportiva competitiva e regulamentada em torneios e olimpíadas escolares. Pelo contrário, “[...] tal decisão político-pedagógica apenas consolida uma via de mão única de reprodução de normas sociais e valores que são homeopaticamente absorvidos sem oportunidade de contextualizá-los”. (Gomes, 2011, p. 31).

Principalmente em tempos de participação do Brasil como sede de Megaeventos esportivos, temos apontado para o importante papel que a Educação Olímpica pode exercer dentro da escola e em programas esportivos a partir de uma proposta de desenvolvimento de juventudes de fato emancipadas (Gomes, 2009). A Educação Olímpica ainda pode ser uma ferramenta dos megaeventos esportivos de modo a complementar a cultura a respeito dessas manifestações que configurar-se-ão em legado cultural permanente e/ou temporário com exemplos positivos e reflexivos para toda uma sociedade (Mataruna, 2008, 2010).

Embora as discussões sobre o Olimpismo e a Educação Olímpica estejam bastante avançadas internacionalmente (Culpan, 2010), no caso do Brasil os Fóruns de discussão sobre o tema ainda permanecem circunscritos a eventos locais e debates em encontros realizados por Universidades que

possuem grupos de Estudos Olímpicos ou aqueles organizados pela própria Academia Olímpica Brasileira.

Nos parece que o *tabu* observado na escola com relação ao esporte e aos Estudos Olímpicos também se configura em uma expressão mais macro no seio da comunidade acadêmica da Educação Física brasileira. Neste sentido, inserir a temática Educação Olímpica nas escolas brasileiras, mesmo que esta esteja amparada por uma perspectiva crítica da educação, ainda representa um grande desafio pela sua imediata associação ao esporte Olímpico de alto desempenho e por parecer uma contradição, quando o Olimpismo é associado a conceitos e filosofias que possam reproduzir a ordem da era moderna ocidental.

Por essa razão, compactuamos com Culpan (2010) ao preferir usar o termo *Educação do Olimpismo* no lugar de *Educação Olímpica* considerando que, a despeito de todo refinamento que o debate tem recebido entre autores consagrados da área e das diversas formas de abordagem ao redor do mundo, nos parece permanecer a prática de propagar nos materiais de Educação Olímpica o ideal Olímpico como um “bem não problemático” (Culpan, 2010, p. 70), fato apontado por nós em outra oportunidade ao analisar os manuais de Educação Olímpica disponíveis para professores como fonte internacional (Gomes, 2002).

Kohe (2010) também clama por uma pedagogia mais crítica da Educação Olímpica sugerindo uma abordagem que não somente apresente os aspectos bons e favoráveis do esporte ou do desenvolvimento individual da criatividade, imaginação, superação como mecanismos de mudança social a partir dos bons exemplos, mas que também possa encorajar os alunos a não aceitarem passivamente valores sem reflexão do próprio contexto social (Kohe, 2010, p. 491).

Este artigo sugere uma perspectiva de abordagem crítica do Olimpismo na escola e em programas esportivos a partir da análise de *tópicos especiais* que nos permitem, concretamente, apresentar situações esportivas que devem ser analisadas à luz do que elas representam socialmente, seus reflexos nas ações das pessoas, especialmente das juventudes, além de pôr em reflexão o entendimento dos próprios valores implícitos na filosofia do Olimpismo a partir de uma visão não doutrinária, mas dinâmico-reflexiva. O tema do doping entre escolares como reflexo do próprio modelo dominante do esporte de alto nível foi intencionalmente escolhido para problematizar o debate entre valores, inter-relação social e esporte.

2 OLIMPISMO, EDUCAÇÃO OLÍMPICA E EDUCAÇÃO DO OLIMPISMO

A Educação Olímpica (E.O), em termos gerais, está associada à educação através do esporte pautada nos princípios do Olimpismo, filosofia de vida bastante genérica proposta por Pierre de Coubertin no final do século XIX e início do século XX, mas que evidencia o teor humanista, internacionalista, voltado para a formação integral e harmoniosa das pessoas (International Olympic Committee [IOC], 1994).

O termo Educação Olímpica não foi criado por Coubertin, embora seja um legado atribuído à ele; este utilizava-se da expressão “Pedagogia do Esporte”. A Educação Olímpica começou a ser sistematizada por Norbert Muller na década de 1970 a partir de estudos e pesquisas na área do Olimpismo e dos escritos de Coubertin, que pressupunha o desenvolvimento do indivíduo como um todo, em contraste à educação cada vez mais especializada (Muller, 2004). Coubertin acreditava que a Pedagogia Olímpica não deveria estar associada somente às competições ou aos esportes olímpicos, mas que tal princípio de vida pressuporia a prática do esporte e a Eúritmia, entendida como equilíbrio, beleza e harmonia. Wacker (2009) demonstra que, da mesma forma que a prática esportiva por si sem uma filosofia pedagógica não teria sentido para Coubertin, já que treinar os músculos não seria suficiente para formar uma pessoa, ele fazia severas críticas à Ginástica desenvolvida nas escolas francesas. Miragaya (2009) observa que Coubertin criticou incansavelmente os líderes esportivos mundiais que não evidenciavam o espírito Olímpico, secundarizando os aspectos pedagógicos do esporte e priorizando as disputas e interesses das competições.

Vários pesquisadores na área de Estudos Olímpicos vêm discutindo e tentando buscar compreensões acerca dessa relação bastante nevrálgica entre valores humanos “proclamados” universais e valores particulares vivenciados pelas culturas e pelos indivíduos em suas relações intersubjetivas e grupais (Abreu, 1999; Gomes, 2002; DaCosta, 2006). Neste sentido, alguns autores que desenvolvem trabalhos sobre Educação Olímpica no Brasil têm percorrido uma tradição que evidencia os aspectos de formação crítica para o esporte, considerando não princípios morais em particular, mas a *formação ética*, esta sendo entendida conceitualmente como *reflexão crítica sobre a moral* (Gomes & Turini, 2004).

No Brasil, procuramos definir a Educação Olímpica como: “um conjunto de atividades educativas de caráter multidisciplinar e transversal tendo como eixo integrador o esporte olímpico” (Tavares *et al.*, 2005). Mais especificamente, o esporte olímpico, por uma série de atributos históricos que atrelam os Jogos Olímpicos ao ponto culminante das

práticas esportivas e que chega às nossas casas por meio dos meios de comunicação, é “olhado” a partir de diferentes perspectivas disciplinares, cada qual iluminando o aspecto que guarda afinidade com o seu corpo de conhecimentos e, ao mesmo tempo, todas trabalhando de forma transversal a discussão dos valores que emergem do esporte de alto nível, espetáculo, e aqueles associados às práticas esportivas e cotidianas dos cidadãos “comuns”.

Os temas de um modo geral abordados pela Educação Olímpica são: o desenvolvimento integral humano; o multiculturalismo; a ética (*Fair Play*); a superação; a excelência; os Jogos Olímpicos no presente e no passado; e o meio ambiente (Binder, 2000, 2005). Norbert Muller (2004), por sua vez, não aponta o meio ambiente como tema a ser explorado pela Educação Olímpica, mas inclui a promoção da emancipação no e através do esporte.

Culpan (2010) faz uma crítica a esses modelos apresentados de Educação Olímpica, que embora sejam também úteis, são atividades em tarefas baseadas nos fatos dos Jogos Olímpicos, figuras e atletas olímpicos. Esses manuais, para o autor, não apresentam-se como um currículo específico, negligenciam dados que precisariam ser debatidos e não refletem uma pedagogia previamente pensada por Coubertin, que argumentava ser a educação extremamente especializada e que o pensamento crítico era inibido por uma grande quantidade de fatos e figuras (Culpan, 2010, p. 70).

Dessa forma, Culpan (2007, 2010) sugere uma Educação do Olimpismo em alternativa aos programas dominantes existentes que permita a experiência dos alunos, a crítica a essa experiência e a percepção que estão localizados dentro de uma cultura, de uma cultura esportiva, que possam examinar sua própria realidade, conhecimentos e valores e tragam significados a suas experiências de vida. Segundo o autor, o conceito *paulofreireano* de conscientização sobre a justiça social através de ações sociais torna-se uma necessidade para uma pedagogia crítica sobre o Movimento Olímpico. O autor ainda ressalta que Binder (2005) tem atentando para o desenvolvimento da consciência sobre o Movimento Olímpico, os Jogos, o Olimpismo e o esporte, entretanto, ele acredita que tais tarefas devem ser feitas mais efetivamente, levadas mais profundamente enquanto crítica social, emancipatória em ação, para que o discurso consiga ser efetivado (Culpan, 2010, p. 71).

Nossa proposta é apresentar a seguir o quanto alguns assuntos nitidamente relevantes ainda são negligenciados pelos programas de Educação Olímpica. Percebemos, por exemplo, no programa de Educação Olímpica oficial do Comitê Olímpico Internacional “*Teaching Values: an Olympic Education Toll Kit*” (IOC, 2010, p. 54) na seção sobre atletas paralímpicos uma chamada para a reflexão a

partir do seguinte depoimento da atleta de natação Beatrice Hess: “*It all about Discovery. My discovery is that swimming opened the door to everything: first, it gave me freedom, then a place in society*”. Após essa frase, os autores do manual fazem uma pergunta deflagradora para discussão: Por que os atletas paralímpicos são uma inspiração para todos nós? Tal foco, embora não deva ser excluído por também ter o seu valor, é centrado na determinação pessoal, na busca e no alcance de um sonho, como se essa realização fosse reduzidamente uma façanha pessoal. Entretanto, entendemos que a atleta paralímpica, ao afirmar que a natação lhe deu um lugar na sociedade, está nos apontando para uma problemática maior que envolve oportunidade social e luta contra o estigma e o preconceito. A prática esportiva entre pessoas com deficiência, envolve, sobretudo, reflexões sobre inclusão, mas também a possibilidade do esporte paralímpico dar maior visibilidade àqueles que no cotidiano vivem a exclusão e a falta de oportunidades, gerando, às vezes, comportamentos também anti-olímpicos em busca de “um lugar ao sol”. Embora esse não tenha sido o tópico especial escolhido para nossa reflexão destacamos sua relevância.

A seguir, apresentamos nossa discussão a favor de uma *Educação do Olimpismo* a partir de uma perspectiva crítica, tematizando o problema do doping que, embora seja uma realidade que cresce a cada dia em ambiente escolar, não vem ganhando os pódios da mídia brasileira e nem mesmo dos debates envolvendo valores no esporte e Educação Olímpica.

3 O DOPING ESTÁ PRESENTE NO ESPORTE E NA ESCOLA BRASILEIRA

Um novo olhar, uma nova percepção para ações pedagógicas efetivas no campo da Educação Física e do esporte será um desafio ainda maior frente ao cenário dos megaeventos, cercado por ideais e comercialização, realizador de legados ou de promessas vãs, futuro das carreiras promissoras ou retrocesso da disseminação de problemas sociais, abuso de drogas e de doping social.

Nosso desafio aqui será dar mais atenção às questões do doping com apontamentos de pesquisa nacional e internacional, especialmente entre jovens esportistas escolares. Pretendemos incitar a desconstrução de certos mitos relacionados ao esporte de alto rendimento e a discussão sobre o esporte limpo, a busca pela perfeição e o atleta olímpico ideal.

Para isso, buscamos por evidências científicas na literatura nos idiomas português e inglês através dos descritores *Educação Olímpica e doping*; *Educação Olímpica e Antidoping*; *Educação Antidoping*. Adotamos como critério de seleção científica artigos, teses, dissertações disponibilizadas

em acervo online e revistas indexadas nas bases do Pubmed, Scielo e Periódicos Capes. A partir dos achados, elaboramos algumas questões problematizadoras.

4 EXISTEM EVIDÊNCIAS QUE APONTEM PARA A POSSIBILIDADE DE UMA EPIDEMIA DE DOPING ENTRE JOVENS EM IDADE ESCOLAR?

Sim, existem evidências que destacam os jovens em idade escolar, dentre outros segmentos da população, principalmente no âmbito do doping por uso de esteróides anabolizantes (EA). Para Bahrke *et al* (1998), o consumo de EA pode variar entre 4% e 12% entre alunos do sexo masculino nos últimos anos do colegial. Em estudo realizado em quatro escolas públicas de Massachusetts em 1998 foi constatado o uso precoce de EA em crianças e pré-adolescentes com idade entre 9 e 13 anos. Desses, 2,6% (466) eram meninos e 2,8% (499) meninas (Faigenbaum *et al.*, 1998).

Na Europa, particularmente na Suécia, um estudo realizado em escolares adolescentes entre 16 e 17 anos de idade, apontou para consumo variável de EA entre 3,6% a 2,8% em indivíduos do sexo masculino (Nilsson *et al.*, 2001). Assim como em pesquisa realizada na Austrália onde verificou-se o consumo de EA em 13.914 estudantes, que correspondia a 1,1% do total de atletas da *National Collegiate Athletic Association* (NCCA) (Green *et al.*, 2001).

No cenário escolar brasileiro escolar, o estudo mais abrangente foi realizado em 27 capitais brasileiras através do VI Levantamento Nacional sobre o consumo de Drogas Psicoativas entre estudantes de Ensino Fundamental e Médio, resultados para a variável “uso na vida” apresentam valores percentuais superiores para esteróides anabolizantes (1,4%), quando comparados ao êxtase (1,3%) e ao LSD (1,0%) também merece atenção, sendo a distribuição heterogênea entre as capitais (Carlini *et al.* 2010).

Podemos observar ainda nesse estudo que o consumo é significativamente maior entre o gênero masculino (2,3%) em comparação ao feminino (0,5%), sendo maior entre os estudantes das escolas privadas em três categorias por faixas etárias de 10 aos 18 anos (Carlini, *op. cit.*)

No esporte escolar, Silva *et al* (2007a) verificaram entre 750 (100%) atletas das Olimpíadas Escolares, etapa nacional, a prevalência de uso na vida de doping em 2,6% para hormônios e substâncias afins (hormônio do crescimento humano e Insulina), 1,5% para drogas ilícitas (maconha) e 0,5% para EA.

Destacamos ainda o consumo abusivo de álcool, tabaco e suplementação por esses jovens.

Araújo (2003) verificou no Distrito Federal a prevalência de uso de EA em 5,46% no total dos 3.830 da amostra, sendo o percentual de 4,5% entre os estudantes de ensino médio de escolas públicas e em estudantes particulares, 9,1%. Observou uma prevalência maior entre os praticantes de esportes de 10,7% em comparação aos não praticantes 1,05%. Este dado nos parece alarmante frente às discussões, não somente acerca dos valores associados ao esporte, como o *Fair Play*, mas a própria mobilização social via instituições educacionais ou de saúde para envolver a população, em especial a juventude, na prática de esportes com foco em adquirir “saúde”.

No Rio de Janeiro, entre 448 (100%) estudantes universitários de Educação Física, o álcool era a droga mais utilizada, acompanhada do cigarro, da maconha e dos EA em 19,2% dos estudantes. A despeito do discurso vigente na área da Educação Física que reforça a importância de um estilo de vida saudável, o que se observa é a adoção de comportamentos em desacordo com esse ideal (Palma *et al.*, 2007).

O uso de anabolizantes em academias de musculação, a despeito de todas as suas consequências e efeitos colaterais, é uma realidade no Brasil. Nas academias de ginástica de Goiânia, em estudo realizado por Araújo *et al* (2002) em 14 academias, demonstraram uma prevalência de 24% para o uso de EA e de suplementação entre os entrevistados. Em São Paulo, o uso de EA é observado na população abaixo de 20 anos em 5%, mas esse uso aumenta para 18% na faixa etária de 20 a 24 anos, e na faixa de 25 a 29 anos para 46%. Após essa faixa o uso tende a declinar em 13% (Silva & Moreau, 2003).

Em Porto Alegre, Silva *et al* (2007b) verificaram em entrevistas com 288 frequentadores de academias uma prevalência de uso atual ou passado para EA de 11%, sendo que 39% relataram o uso de drogas ilícitas e 37% de suplementos alimentares. Em 2010, Silva *et al* (2010) verificaram que os frequentadores de academias apresentavam nos seus relatos associações de uso de agentes hormonais (AH) incluindo esteróides anabolizantes, Insulina e Hormônio do Crescimento Humano, com a razão de chances (OR) de 6,45 vezes para o uso de AH associado ao de suplementos alimentares; uma OR de 3,10 vezes ao uso de drogas ilícitas associado ao AH; e OR de 2,54 vezes do uso de estimulantes associados ao AH.

Uma das possíveis interpretações para o uso de EA em academias é apresentada por Sabino (2002) como uma marca de um processo de hierarquização do campo a partir do ganho de capital corporal em consonância com os padrões estéticos dominantes de virilização e hiper-masculinização da forma que atinge

homens e mulheres. Quanto maior é a forma e mais aproximada ao padrão, maior capital corporal e social se adquire, considerando que a disciplinarização do corpo configura-se também como valor e possibilidade circunscritos a condições de grupo social.

Os dados das pesquisas acima realizadas no Brasil e no Mundo apresentam evidências, mas algumas limitações nas diferenças como: metodologias, dispositivos de coleta, delineamentos epidemiológicos, amostragem, território geográfico, dentre outras. Sendo assim, não é adequado extrapolar os achados para uma “realidade” global, nacional ou local. Entretanto, apesar das limitações, a gravidade da situação nos impõe trabalhar em busca de compreensões, soluções e intervenções frente aos cenários apresentados nos estudos. Isto significa agir unindo aquilo que temos para irmos além da observação empírica, da estática contemplativa passível de um torcedor das arquibancadas.

5 COMO PODEMOS COMPREENDER ESSA REALIDADE A PARTIR DE UMA EDUCAÇÃO DO OLIMPISMO MAIS CRÍTICO-REFLEXIVA?

Vaz (1999; 2001) nos remete a uma reflexão filosófica sobre as excessivas disciplinas impostas pelo treinamento de alto rendimento em busca de uma perfeição técnica em consonância com a modernidade. Conforme o autor, esse fenômeno não ficou circunscrito ao bloco dos países capitalistas, ressoando também no bloco socialista que muito contribuiu com o desenvolvimento do treinamento de alto rendimento a partir de seu fascínio com os avanços tecnológicos: “Sempre esteve claro que o esporte, nos países que compunham Pacto de Varsóvia, não era menos instrumental, vinculado ao rendimento ou totalitário do que aquele que se realizava nos países capitalistas” (Vaz, 2001, p. 89).

Em “Treinar o corpo, dominar a natureza”, Vaz (1999) nos apresenta a perspectiva fragmentada do homem na compreensão da sua própria existência quando se submete a processos extremos e dolorosos de treinamento corporal. Na relação do homem com seu corpo, o sujeito se fragmenta entre mente/cognição e corpo, este compreendido como um objeto desse próprio sujeito, logo, externo a ele e submetido à sua vontade.

Coubertin, ao propor a filosofia do Olimpismo, defendeu a premissa de que o atleta não poderia fazer o sacrifício do exercício da força sem consciência, como algo não pensado. A força muscular deveria ser indissociável da força do pensamento, da vontade. Logo, o corpo não poderia ser objeto do sujeito que o submete a um tipo de vontade não

refletida sobre a essência do “ser homem”. A essência dessa existência humana para Coubertin estaria na sua não definição, na sua incompletude, logo, na constante busca daquilo que ele poderia *se tornar* (Muller, 2004).

Vaz (1999, 2001) aponta a visão dicotômica e hierarquizada de homem que se traduz no viés do treinamento de alto nível na modernidade, o que vai de encontro às premissas holísticas de Coubertin sobre equilíbrio e emancipação do homem, tendo o esporte, nele mesmo e através dele, um grande potencial enquanto veículo de desenvolvimento cultural e humano. Ao ver seu corpo como objeto de si, o atleta da modernidade que busca extrapolar os próprios limites através do uso de doping compromete a sua existência subjugando-se aos sacrifícios, mutilações e aniquilações da sua própria vontade, do desejo de ser o criador da sua própria natureza. Entretanto, quando o sujeito domina esse corpo compreendido como um objeto instrumental e manipulável, quase externo, a partir de tais sacrifícios, ele destrói a si mesmo, pois não se deu conta de que esse corpo físico, biológico não está fora dele, mas é o próprio sujeito, a sua própria existência. O corpo é o homem, a sua linguagem e a sua única forma de mediar com o mundo.

Ao longo do desenvolvimento do esporte moderno, a vitória, objetivada nas funções máximas do corpo se confunde na identidade do atleta que alcança o pódio. Se o atleta é a vitória e seus ganhos, circunscritos no controle e ações do corpo, todo o processo de *se tornar* (grifo nosso) é secundarizado tanto no imaginário social, reflexo também de uma falta de educação crítico-reflexiva, quanto na mídia, incluindo a discussão mais profunda sobre o uso de doping ou de outras questões normativas ou éticas. Podemos apontar como exemplo recente o envolvimento de um nadador brasileiro de alto rendimento, flagrado no antidoping pela presença de Furosemida e depois absolvido por este resultado adverso Portal G1 (2011). Ressaltamos que a Furosemida é uma substância diurética que, uma vez encontrada na amostra do atleta, indica a utilização de método proibido, ou seja, a manipulação da urina e desta forma é substância proibida pelo Código Mundial Antidoping (*World Anti-Doping Agency* [WADA], 2012). Em mais detalhes, esse agente mascarante é utilizado para limpeza do organismo de atletas usuários de EA e outras substâncias consideradas proibidas no esporte. O atleta Olímpico em questão teve uma passagem simbólica “à velocidade da luz” de vilão para herói ao ser homenageado pela Presidência da República do Brasil após ser flagrado em exame antidoping, como apresentou o Portal R7 (2011), e depois por receber maior honraria do Comitê Olímpico Brasileiro como atleta olímpico do ano (Portal UOL, 2011).

O desvio relacionado ao uso de doping nem sempre é compreendido socialmente como transgressão ou comportamento não desejável quando se trata de atletas ou frequentadores de academias, considerando seu caráter multiplicador da hegemônica percepção do corpo atlético perfeito, logo saudável, independentemente dos meios para consegui-lo. Em contexto não esportivizado e marcado por paradigmas científicos disciplinares e de saúde biológico-funcional, o uso de substâncias ilícitas, alucinógenas ou não, é tipicamente estigmatizado, associado à transgressão, à ausência de saúde e de autocontrole do corpo. Parry (2007) segeriu a liberação total do *doping*, uma vez que acredita haver irregularidades no controle, ou seja, os países que possuem maiores condições financeiras adotam tecnologias de produção de EA que dificilmente são rastreadas. Em contrapartida, países economicamente desfavorecidos buscam por substâncias que estão disponíveis comercialmente, e logo, são facilmente identificadas nos testes de controle. De um modo geral, a liberação iria gerar uma disputa além dos campos, piscinas e pistas esportivas, para uma corrida, mais laboratorial que o momento atual que vive o esporte mundial.

Sabino (2002), em avaliação sobre o uso de anabolizantes em academias, demonstra que o estigma relacionado ao uso de drogas EA ou outras drogas psicoativas associa-se mais ou menos ao desvio por uma correspondência aos padrões hegemônicos de estética e de saúde existentes em nível macro-social. Ao usarem EA, os atletas e frequentadores de academias de musculação desviam para inserirem-se no seu campo social buscando maior capital corporal e posição na hierarquia do campo, reforçando e reproduzindo a lógica social dominante de sucesso. A partir desse quadro, observamos que a representação social reforçada pela mídia e órgãos esportivos configura-se como uma espécie de relativização tanto sob o questionamento da eficácia dos exames anti-doping quanto pela retórica de que “todos usam”, ressignificando os valores no esporte e o valor próprio do *se tornar* (grifo nosso). Logo, nesses campos, o uso de doping não é percebido como desvio, pois o corpo representado, assim como a disciplina que este exige, é aquele que muitos idealizam e admiram. Por outro lado, se a identidade do atleta se confunde com a vitória às custas desses meios, assim como o corpo de Apolo para os “marombeiros” (Sabino, 2002), esses “ganhos” são momentâneos e efêmeros, tornando-se uma identidade absolutamente ameaçada já que muito passageira. Petersen-Wagner e Mataruna (2014) analisando a realidade cosmopolita a respeito do esporte comentam que na Suécia as academias são consideradas clubes e por isso, os praticantes possuem o *statuo quo* de atleta amador e, deste modo, estão vulneráveis ao controle contínuo ou espontâneo, ou seja, este último a WADA chama de *Out Off*

Competition, que seria o controle fora do período competitivo.

A *Educação do Olimpismo* nos parâmetros de Coubertin enfatiza a necessidade do desenvolvimento humano como um todo e de uma educação global não hierárquica na qual sujeito e objeto, homem e corpo, treinamento e vitória são elementos equivocadamente postos em dicotomia. Muller (2004) ressalta que, na concepção de Coubertin, para a celebração dos Jogos Olímpicos ambos, atletas e espectadores, deveriam ser preparados a partir de uma pedagogia na qual tivesse em sua base a compreensão de que o culto ao esforço físico não prescinde do culto à harmonia, ao equilíbrio e que esse deveria ser um conceito permanente, que ultrapassasse as linhas limítrofes das quadras e campos no sentido de emancipação.

Por isso, faz-se necessária uma discussão ética sobre o esporte de uma forma geral, seus princípios e mensagens atribuídas a ele; e do doping em especial não como desvio em si, como simplesmente transgressão às regras, mas sobre a própria condição humana, a relação com a cultura e com a sociedade. Precisamos de educação ética como exercício crítico da moral. Ao invés de pensarmos no esporte simplesmente para “moldar” o caráter a partir de valores morais particulares, podemos chamar os praticantes à reflexão sobre determinadas ações, manifestações, implicações e ideais coletivos para o *se tornar* e para *se tornar* (grifo nosso) um cidadão ativamente participativo melhor para o mundo e para sua comunidade, aos termos de Morin e Prigodini (1996).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse contexto, muito nos preocupa também o futuro da Educação Olímpica, ou Educação do Olimpismo como prefere Culpan (2007, 2010) em crítica aos programas já existentes de Educação Olímpica que não colocam o esporte no centro de uma crítica social, mas insistem em fazer simplesmente propaganda aos lemas e glórias olímpicas, o que acaba sendo um desserviço ao próprio êxito de uma educação emancipada. Em outra oportunidade, mostramos o quanto o protagonismo social das juventudes deveria estar diretamente relacionado a um conjunto de forças que estariam além do alcance da escola, mas seria um problema de justiça social (Gomes, 2009). Os frutos dessa reflexão seriam colhidos somente após a insistência de ações intencionais, inclusive nas práticas e discussões sobre o esporte, estimuladas por programas de Educação Olímpica, o que efetivamente não vemos, seja pela falta de interesse institucional seja pela própria resistência do campo da Educação Física Escolar em discutir valores “do” e “no” esporte.

Frente às evidências, destacamos a importância de maiores investimentos em estudos que abordem o uso do doping na prática esportiva, escolar, dentro do contexto social e na saúde pública, em uma perspectiva de integralidade (Luz, 2007). Além disso, sinalizamos para a importância da montagem de programas que atendam a educação, a saúde, a sensibilização dos jovens expostos e vulneráveis nesse contexto. Segundo Goldberg *et al* (2000), formas de intervenção podem obter resultados significativos na educação de jovens escolares para a recusa de EA. Entretanto, apesar das novas abordagens que encontramos nos programas de Educação Olímpica Oficiais (IOC, 2007), notamos discussões ainda muito genéricas e descontextualizadas para diferentes culturas e configurações sociais, apontando para necessidade de materiais nacionais que venham enquanto diretrizes vinculadas à proposta educacional nacional do Ministério da Educação do Brasil.

Algumas Organizações Internacionais como a Agência Mundial Antidoping (WADA, 2012), *National Institute on Drug Abuse* (NIDA, 2012) e UNESCO; e Nacionais como Comitê Olímpico Brasileiro e Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD, 2012) têm produzido ações de divulgação de materiais na tentativa de disponibilizar on-line (ex. cartilhas, folders, jogos) e subsidiar ferramentas aos interessados em atenção e promoção da saúde e educação antidoping. Entretanto, “estamos atentos” à falta de informação e de capacitação dos profissionais envolvidos no processo de formação esportiva dos jovens (professores, técnicos, treinadores, etc.), assim como a própria pressão do mercado pela vitória que não permite que a discussão sobre o doping ultrapasse a esfera dos comprometimentos com saúde e recaia também nas questões sobre a própria condição humana e sua inserção sociocultural. A disponibilização de material didático-instrutivo sem pesquisa, sem revisão afinada do problema, acaba dando a impressão de que essa é uma ação mais voltada para responder aos críticos do Movimento Olímpico do que mesmo para atingir ao público-alvo.

A participação do Brasil como sede de Megaeventos Esportivos propiciará aos educadores “um momento único” com a possibilidade de demanda de projetos no Ministério do Esporte e Ministério da Educação. Na mídia, devemos nutrir e qualificar as matérias, os discursos, tratando com mais qualidade e menos tendenciosidade as questões relacionados ao doping, esporte e Educação Olímpica. *Sport for Peace* (esporte para a paz) tem sido outra temática conectada ao campo dos Estudos Olímpicos pelo mundo, principalmente conectada com elementos sobre ética nas discussões a respeito do *dopping*. Contudo, no Brasil praticamente não se encontram estudos a cerca de tal temática, ficando a sugestão para novos estudos.

O Brasil é um dos países com o maior número de grupo de pesquisas e Centros de Estudos Olímpicos do mundo, no entanto muitas ações são restritas e destinadas exclusivamente ao meio acadêmico-universitário. O atual momento que o país vive com os Megaeventos esportivos poderia alavancar a promoção da *Educação do Olimpismo* unindo o conhecimento acumulado por especialistas ao longo de anos de estudos e intervenções, mas sobretudo corroborando para a práxis da gestão do conhecimento neste segmento de estudos.

Propomos a perspectiva de uma *Educação do Olimpismo* que promova uma educação de fato emancipadora, que envolva a todos em grandes discussões e ações, contrapondo-se a inércia, a uma crença no “ouro de tolo”. Nosso desafio enquanto educadores é envolver a sociedade e a Educação Física de forma mais pragmática, realista e interacionista nessa discussão para que ela atinja a juventude, feita de gente que constrói gente, que busca melhorar aquilo que tem, consciente e consistente.

REFERÊNCIAS

- Abreu, N. G. (1999). *Multicultural Responses to Olympism - An Ethnographic Research in Ancient Olympia, Greece*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, Brasil.
- Araújo J. P. (2003). *O Uso de Esteróides Androgênicos Anabolizantes entre Estudantes do Ensino Médio no Distrito Federal*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Católica de Brasília, Brasília, Brasil.
- Araújo L. R., Andreolo J., Silva M. S. (2002). Utilização de suplemento alimentar e anabolizantes por praticantes de musculação nas academias de Goiânia – GO. *Rev. Bras. Ciên. Mov.* 10 (3): 13-8.
- Azevedo, J. P. M., Gomes, M. C. (2010). *Competição e cooperação: tabu no esporte escolar?* 2010. Trabalho de conclusão de curso. Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, Brasil.
- Bahrke, M. S., Yesalis, C. E., Brower, K. J. (1998). Anabolic-Androgenic Steroid Abuse And Performance-Enhancing Drugs Among Adolescents. *Child Adolesc Psychiatr Clin N Am.* 7 (4): 821-838.

- Binder, D. L. (2000). *Be a Champion in Life!!* Athens: Foundation of Olympic and Sport Education.
- _____. (2005). *Teaching Olympism in schools: Olympic education as a focus on values educative*. university lectures on the Olympics. Bellaterra: Centre d'Estudis Olímpics (UAB). International Chair in Olympism (IOC-UAB). Disponível em: <<http://olympicstudies.uab.es/lec/pdf/binder.pdf>>. Acesso: 02 mai. 2012.
- Bracht, V. (1992). *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister.
- _____. (2011). Dilemas no cotidiano da Educação Física escolar: entre o desinvestimento e a inovação pedagógica. *Educação Física escolar, dilemas e práticas. Salto para o Futuro*. Ano XXI, Bol. 12, p. 14-20.
- _____. (2002). Esporte, história e cultura. In: Proni, M.; Lucena, R. *Esporte, história e sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Calfee, R., Fadale, P. (2006). Popular Ergogenic Drugs and Supplements in Young Athletes. *Pediatrics*, 117 (3): 577-589.
- Castellani Filho, L. (1988). *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papyrus.
- Culpan, I. (2007). *Olympic education within physical education: Changing the pedagogy*. Proceedings of the International Forum on Beijing Olympic Education. Beijing, China: Humanistic Olympic Studies Centre, Renmin University. Disponível em: <http://www.olympicstudies.canterbury.ac.nz/documentos/china%20critical%20.pdf>. Acesso: 05 mai. 2012.
- _____. (2010). The delivery of Olympic education within a physical education context drawing on a critical pedagogy. *International Journal of Sport and Health Science*, 8: 67-76. Disponível em: https://www.jstage.jst.go.jp/article/ijshs/8/0/8_20090028/_article. Acesso: 02 mai. 2012.
- DaCosta, L. (2006). A never ending story: the philosophical controversy over Olympism. *Journal of the philosophy of Sport*, 33: 157-173.
- Doll-Tepper, G. (2011). *The relevance of Olympic education in today's societies, countries and school programmes*. (Paper written in the framework of the IOC's OSC Postgraduate Grant Selection Committee meeting. Disponível em: <<http://doc.rero.ch/record/28875>>. Acesso: 02 mai. 2012.
- Faigenbaum, A. D., Zaichowsky, L. D., Gardner, D. E., Micheli, L. J. (1998). Anabolic Steroid Use by Male and Female Middle School Students. *Pediatrics*, 101: 1-6.
- Carline, E. L. A. et al. *VI Levantamento Nacional sobre o consumo de Drogas Psicoativas entre estudantes de Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privadas de 27 Capitais Brasileiras*. Disponível em: <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Publicacoes/328890.pdf>>. Acesso: 10 mar. 2014.
- Goldberg, L., MacKinnon D.P., Elliot D.L., Moe E.L., Clarke G., Cheong J. (2000). The adolescents training and learning to avoid steroids program: preventing drug use and promoting health behaviors. *Arch Pediatr Adolesc Med*, 154: 332-8.
- Gomes, M. C. (2002). Olympic Education: Sameness versus Otherness in Multicultural Approaches. In: DaCosta, L. *Olympic Studies - Current Intellectual Crossroads*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho.
- _____. (2009). Esporte, Olimpismo e juventude: em busca do protagonismo social. *Juventude.br*. Centro de estudos e memória da Juventude – CEMJ. São Paulo, 4 (8): 26-31.
- _____. (2011). Megaeventos esportivos, movimento olímpico e mídia: o Esporte saltando os muros da educação física escolar. *Salto para o Futuro*. Educação Física escolar, dilemas e práticas. Ano XXI, Bol. 12, p. 29-39.
- Gomes, M. C.; Turini, M. (2004). Esporte, ética e Intervenção no Campo da Educação Física. In: Tojal, J. B. (org.). *Ética profissional na Educação Física*. Rio de Janeiro: Shape.
- Green, G.A., Uryasz, F.D., Petr, T.A., Bray, C.D. (2001). NCAA Study of Substance Use and Abuse Habits of College Student-Athletes. *Clin J Sport Med*, 11: 51-6.
- Internacional Olympic Committee. (1994). *Olympic Charter*. Lausanne: IOC.
- _____. (2010). *Teaching Values: An Olympic education toolkit*. Lausanne: IOC. Disponível em: <http://www.olympic.org/educators-teachers-toolkit>. Acesso: 03 mai. 2012.

- Kohe, G. Z. (2010). Disrupting the rhetoric of the rings: a critique of Olympic idealism in physical education. *Sport, Education an Society*, 15 (4): 479-494.
- Luz, M. T. (2007). *Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais*. 3 ed. São Paulo: Hucitec.
- Mataruna, L. (2010). Megaeventos esportivos no Brasil: repensando as políticas públicas de participação para a inclusão. In: Ministério do Esporte; Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e Lazer. (Org.). *Coletânea de Premiados de 2010 do Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de inclusão social*. Brasília: Ed. Ideal.
- _____. (2008). Percepção dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 por especialistas internacionais em estudos Olímpicos. In: Rodrigues, R. P., Pinto, L. M. M., Terra, R., DaCosta, L. (Org.). *Legados de Megaeventos Esportivos*. 1 ed. Brasília: Ministério do Esporte.
- Miragaya, A. (2009). E.O: O legado de Coubertin. In: Reppold Filho, A. ; Pinto, L.; Rodrigues, R. P.; Engelman, S. *Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil*. Porto Alegre, Editora da UFGRS.
- Morin, E., Prigodini, I. (1996). *A sociedade em busca de valores*. Para fugir à alternativa entre o cepticismo e o Dogmatismo. Lisboa: Instituto Piaget.
- Muller, N. (2004). *Olympic education: university lecture on the Olympics*. Barcelona: Centre d'Estudis olímpics (UAB). International Chair in Olympism (IOC-UAB). Disponível em: <<http://olympicstudies.uab.es/lectures/web/pdf/muller.pdf>> Acesso: 02 mai. 2012.
- National Institute on Drug Abuse. Disponível em: <http://www.drugabuse.gov/>. Acesso: 01 mar. 2012.
- Nilsson, S., Baigi, A., Marklund, B., Fridlund, B. (2001). The prevalence of the use of androgenic anabolic steroids by adolescents in a county side of Sweden. *Eur J Public Health*, 11 (2): 195-7.
- Oliveira, M. A. T. (2004). Educação Física Escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. *Rev Bras Cienc Esporte*. 25 (2): 9-20.
- Palma, A., et al. (2007). Comportamentos de risco e vulnerabilidade entre estudantes de Educação Física. *Rev Bras Epidemiol*, 10 (1): 117-26.
- Parry, J. (2007) Fair Play and the logic of sport. *Fiep Bulletin*, 2007/2008. p.23-28.
- Petersen-Wagner, R; Mataruna. L. (2014) *Cosmopolitan Sport Cities*. Coventry University. (personal communication, March 17, 2014). Unpublished.
- Portal G1. Cielo e mais três caem no antidoping, mas sofrem apenas advertência. Publicado em 01 set. 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/aquaticos/noticia/2011/07/cesar-cielo-e-mais-tres-nadadores-brasileiros-sao-pegos-no-antidoping.html>>. Acesso: 25 mar. 2012.
- Portal R7. *Festa de 7 de Setembro em Brasília terá abertura com Cesar Cielo*: Medalhista olímpico abrirá o desfile oficial levando o fogo simbólico da Pátria. Publicado em 07 set. 2011. Disponível em: <http://www.noticias.r7.com/brasil/noticias/festa-de-7-de-setembro-em-brasilia-tera-abertura-com-cesar-cielo-20110907.html>. Acesso: 28 mar. 2012.
- Portal UOL. *Cielo é eleito o melhor atleta de 2011 pelo COB e se emociona; Murer vence no feminino*. Publicado em 19 dez. 2011. Disponível em: <http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2011/12/19/cielo-e-murer-sao-eleit-os-melhores-atletas-de-2011-no-premio-brasil-olimpico.htm>. Acesso: 28 mar. 2012.
- Sabino, C. (2002). Anabolizantes: drogas de Apolo. In: Goldenberg, M. et al. *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record.
- Secretaria Nacional Antidrogas. Disponível em: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php> . Acesso: 01 mar. 2012.
- Silva, L. S. M. F.; Moreau, R. L. M. (2003). Uso de esteróides anabólicos androgênicos por praticantes de musculação de grandes academias da cidade de São Paulo. *Rev Bras Cienc Farm*, 39 (3): 327-33.
- Silva, P.R.P. et al. (2007a). Prevalência do Uso Referido de Doping e Outras Substâncias por Crianças e Adolescentes Participantes das Olimpíadas Escolares Nacionais. In: *Congresso Médico dos XV Jogos Pan-Americanos Rio 2007*. Rio de Janeiro: REDPRINT.

- Silva, P.R.P. et al. (2007b). Prevalência do uso de agentes anabólicos em praticantes de musculação de Porto Alegre. *Arq Bras Endocrinol Metab*, 51 (1): 104-10.
- Silva, P.R.P. et al. (2010). Odds ratio for use of anabolic steroids and other substances in fitness training gyms. *Braz Jour of Sport and Exerc Research*, 1 (2): 122-126.
- Soares, A. J. G.; Góis, E., Jr. (2011). Educação física e educação. *Salto para o Futuro*. Educação Física escolar, dilemas e práticas. Ano XXI, Bol. 12, p. 4-13.
- Tavares, O. et al. (2005). Estudos Olímpicos, Academia Olímpica Brasileira, Educação Olímpica. In: DaCosta, L. (org.). *Atlas do esporte, educação Física, atividades físicas e de saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.
- Vaz, A. (2001). Técnica, Esporte, Rendimento. *Movimento (ESEF/UFRGS)*, vol. 7. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2610/1244>>. Acesso: 06 mai. 2012.
- _____. (1999). Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos CEDES*, Campinas, 48: 89-108.
- Wacker, M. F. N. (2009). Educação Olímpica, Olimpismo e eurtmia. In: Reppold Filho, A., Pinto, L., Rodrigues, R. P., Engelman, S. *Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFGRS.
- World Anti-Doping Agency. Disponível em: <http://wada-ama.org>. Acesso: 01 mar. 2012.